

AValiação DA AUTOMEDICAÇÃO NA TERCEIRA IDADE: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Vicente Emanuel de Oliveira Melo¹
Wesley Candido Santos²
Franciely da Costa Alves³
Welma Thaíse Silva Vilar⁴
Gessenildo Pereira Rodrigues⁵

RESUMO

Com o envelhecimento fisiológico, o organismo humano sofre alterações que podem afetar vários sistemas. O processo de envelhecimento traz de forma direta o aumento da utilização de serviços de saúde e aumento dos custos em saúde. Os idosos estão mais propensos aos riscos do uso de medicamentos devido às alterações farmacocinéticas e farmacodinâmicas próprias do envelhecimento, tornando-se mais vulneráveis às reações medicamentosas adversas e efeitos colaterais. A prática da automedicação pode ocorrer através do compartilhamento de medicamentos, utilização das sobras de medicamentos provenientes de outras prescrições, reutilização de antigas receitas, prolongamento indevido do tratamento medicamentoso, além da aquisição do produto sem prescrição. Neste trabalho é apresentado uma revisão de artigos indexados em bases acadêmicas (Google acadêmico, PubMed, Scielo e Science Direct) no tocante à automedicação na terceira idade. Os resultados obtidos mostram que grande parte dos idosos fazem o uso sistêmico de medicamentos sem prescrição, sendo os analgésicos os mais utilizados por esse grupo etário, independente de fatores ou situação sociocultural. Portanto, o profissional farmacêutico é de suma importância para amenizar a problemática da automedicação na terceira idade ao contribuir na atenção básica da saúde, diminuindo os riscos associados à automedicação, e consequentemente, melhoria da qualidade de vida do paciente idoso.

Palavras-chave: Automedicação, envelhecimento, idosos, polifarmácia, atenção farmacêutica.

INTRODUÇÃO

A automedicação é o uso de medicamentos sem orientação profissional ou prescrição médica, onde o indivíduo por conta própria ou influenciado por pessoas não habilitadas faz o uso de medicamentos para tratar os sintomas e doenças auto-referidas sem consultar um profissional de saúde qualificado (HERNANDEZ; NETO, 2019; DOMINGUES *et al*, 2017).

¹ Graduando do Curso de Farmácia da Faculdade Rebouças - FRCG, vicenteemanuelomelo@gmail.com;

² Graduando do Curso de Farmácia da Faculdade Rebouças – FRCG, wesleycandido1@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Farmácia da Faculdade Rebouças – FRCG, francielycst@hotmail.com;

⁴ Professora do Curso de Farmácia da Faculdade Rebouças - FRCG, welmavilar@yahoo.com.br;

⁵ Professor do Curso de Farmácia da Faculdade Rebouças - FRCG, gessenildopr@outlook.com

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), mais de 50% de todos os medicamentos são erroneamente prescritos, dispensados ou vendidos e metade dos pacientes os utiliza de maneira inadequada. A automedicação se tornou um dos principais vilões no uso incorreto dos medicamentos, fator este que está associado à questões que são recorrentes na sociedade, tais como: incentivo do uso de medicamentos por parte dos familiares/amigos/vizinhos, quanto aos benefícios do tratamento, prevenção e alívio nos sintomas; dificuldade no acesso aos serviços de saúde, seja devido à demora no atendimento ou dificuldade de deslocamento até as unidades de saúde (DOMINGUES, *et al.*, 2015).

Para o grupo da terceira idade, a conscientização para o uso adequado de medicamentos tem um trabalho de extrema importância, essa parcela da população apresenta de modo geral a prevalência de doenças crônicas e múltiplas de longa duração, exigindo acompanhamento, cuidados permanentes e exames periódicos, tornando necessário o uso de diversas medicações. Nesse escopo, a automedicação torna-se uma opção para aliviar momentaneamente problemas, como a dor, mas por outro lado pode trazer nossas doenças sistêmicas e agravar o quadro do paciente idoso. Diante desse contexto, torna-se de extrema importância avaliar o uso recorrente de medicamentos por parte da população idosa. O objetivo deste trabalho foi pesquisar o que tem sido estudado sobre riscos da automedicação.

METODOLOGIA

Para a elaboração da revisão de literatura sobre a avaliação da automedicação na terceira idade, realizou-se a busca por publicações em bases de dados como Google acadêmico, PubMed, Scielo e Science Direct. Os descritores utilizados na busca pela temática foram a automedicação, envelhecimento, idosos, polifarmácia e atenção farmacêutica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nas últimas décadas, o Brasil vem demonstrando um aumento significativo do envelhecimento populacional, de modo que, a população com idade igual ou superior a 60 anos cresceu 16,0% entre anos entre 2012 e 2016, chegando a 29,6 milhões de pessoas (IBGE, 2017).

Com o envelhecimento fisiológico, o organismo humano passa a sofrer alterações, as quais podem afetar vários sistemas. Estas alterações naturais vêm provocando ao longo dos anos um aumento na utilização de medicamentos e custos nos serviços de saúde, pois os idosos

são a classe de pacientes mais adeptos a procura de tratamentos nos serviços de saúde, necessitando de uma maior atenção na promoção, proteção e recuperação da saúde dos mesmos, contribuindo para um desfecho clínico positivo. Diante deste cenário, os idosos desenvolvem um quadro de fragilidade quando apresentam alterações neuromusculares, endócrinas e imunológicas, apresentando um quadro maior de fragilidade e um acentuado risco de quedas, incapacidade, hospitalizações e morte, necessitando de cuidados permanentes para prevenir a ocorrência de desfechos clínicos negativos. O processo de envelhecimento, acaba favorecendo a coexistência dele com a incapacidade, assim como o aumento da utilização e custos de serviços de saúde (BERLEZI et al, 2019).

AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS

A automedicação é uma prática muito comum vivenciada por civilizações de todos os tempos, se caracteriza pela iniciativa do doente ou de seu responsável em obter ou produzir e utilizar um produto que acredita que lhe trará benefícios no tratamento de doenças ou alívio dos sintomas: É uma forma importante de cuidados pessoais e de resposta à sintomas (SÁ, *et al.*, 2007).

Vários são os fatores que determinam se uma pessoa se automedica, dentre eles SECOLI et al (2018) destaca a utilização das sobras dos medicamentos entre familiares/vizinhos, compra de medicamentos sem prescrição médica ou reutilização de receitas antigas para aquisição dos mesmos, e até o não cumprimento da posologia (dose, intervalos entre as doses e duração do tratamento).

Conforme relatado por Santos *et al*, (2013), a prática da automedicação corrobora de forma negativa com o diagnóstico precoce das enfermidades, pois mascara os sintomas das doenças, deixando a vida dos pacientes em risco, para a população idoso o risco à saúde advindo da prática da automedicação é escalonado. Essa prática pode exacerbar os riscos relacionados aos medicamentos prescritos, retardar o diagnóstico adequado e ainda mascarar determinada doença.

Um grande aliado para melhoria das condições de vida dos idosos é o levantamento de dados desses usuários quanto à forma de uso dos medicamentos e outros fatores relacionados a utilização dos fármacos por essa faixa etária. Assim, a rede de saúde pública pode ter uma visão mais ampla da problemática e tomar decisões ou redefinições mais precisas na promoção, proteção e recuperação da saúde desta população. O conhecimento sobre o consumo de

medicamentos pela população idosa e seus fatores relacionados é imprescindível para que seja possível fazer redefinições em políticas públicas voltadas para a melhoria das condições de vida e saúde dos idosos (SANTOS *et al.*, 2013).

No Brasil, estudos populacionais sobre o consumo de produtos farmacêuticos ressaltam o maior consumo desses produtos com o avanço da idade. Os idosos são, possivelmente, o grupo etário mais medicado na sociedade, devido ao aumento da prevalência de doenças crônicas, sendo a terapia medicamentosa um dos itens mais importantes da atenção à saúde do idoso (AZEVEDO, 2014).

O envelhecimento, condição natural e inevitável da vida, faz com que os idosos tenham maior predisposição aos riscos associados ao consumo de medicamentos, visto que sua fisiologia com o passar dos anos fica mais deficitária, comprometendo dessa forma os processos de farmacocinética e farmacodinâmica, o que aumenta a probabilidade dos mesmos apresentarem efeitos colaterais, reações adversas, assim como interações medicamentosas. Os idosos são mais propensos aos riscos do uso de medicamentos devido às alterações farmacocinéticas e farmacodinâmicas próprias do envelhecimento, as quais tornam esse grupo populacional mais vulnerável a interações entre medicamentos, efeitos colaterais e reações medicamentosas adversas (GAUTÉRIO *et al.*, 2012).

A polifarmácia, prática comum em idosos, devido a necessidade natural/fisiológica desse grupo etário, pode trazer grandes riscos à saúde desses usuários, quando realizada de forma inadequada e irracional, seja pelo uso concomitante de vários medicamentos ou por iatrogenia. Esse consumo de múltiplos medicamentos, comum entre os idosos, e embora necessário em muitas ocasiões, quando inadequado pode ser propício a sérias complicações na condição de saúde do idoso. A polifarmácia contribui para o surgimento do sinergismo e do antagonismo não desejado, associa-se ao descumprimento das prescrições de medicamentos não essenciais e gastos excedentes com aqueles de uso supérfluo. Os riscos de saúde referentes ao uso de medicamentos aumentam nos casos em que os pacientes são tratados por vários especialistas, pois a chance de haver interações medicamentosas, uso de medicamentos diferentes para a mesma finalidade (duplicidade), entre outros fatores, predis põem os idosos a maiores efeitos colaterais, reações adversas ou até mesmo a não obtenção do efeito terapêutico. Além disso, como muitas vezes o tratamento é constituído por vários especialistas que acrescentam medicamentos em vez de suspenderem ou modificarem a posologia, é comum encontrar prescrições de doses e indicações inadequadas, interações e associações

medicamentosas, duplicidade, além do uso de medicamentos sem valor terapêutico (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Conforme relata Azevedo (2014), os idosos fazem parte de uma parcela da população que necessita de uma maior atenção dos prescritores de medicamentos, pois tal medicamento tem potencial de provocar danos à vida desses pacientes, sendo necessário avaliar o risco-benefício da utilização do mesmo. Os medicamentos podem favorecer a manutenção da capacidade funcional, mas também podem comprometê-la, tendo a necessidade de uma avaliação mais minuciosa da prescrição do idoso com relação ao risco-benefício.

A PROPAGANDA DE MEDICAMENTOS COM FOCO NA TERCEIRA IDADE

A população brasileira encontra-se excessivamente exposta à propaganda de medicamentos, sem ter o devido esclarecimento sobre os riscos associados ao seu uso. As propagandas incentivam o uso indiscriminado de medicamentos sejam eles fitoterápicos ou sintéticos, pois a publicidade em torno dos medicamentos adquiridos sem prescrição mostra apenas os benefícios do produto, omitindo os possíveis danos que o medicamento pode causar ao paciente se o mesmo for utilizado de maneira errada, sendo apenas exibido rapidamente ao fim da propaganda a seguinte frase: “ao persistirem os sintomas o médico deverá ser consultado”, ou seja, esta é a única restrição feita para a veiculação da propaganda medicamentosa. Os farmacistas também deveriam rever a forma de pagamento dos seus colaboradores pelo fato da grande maioria receber por comissão criando assim uma lógica de mercado que favorece a prática da automedicação.

ASSISTÊNCIA FARMACÊUTICA COMO FERRAMENTA À AUTOMEDICAÇÃO

Os farmacêuticos são os profissionais mais habilitados no que se refere ao entendimento do uso dos medicamentos e as consequências da sua utilização de forma errônea. Dessa forma esses profissionais exercem um papel fundamental frente à sociedade, visto que estes são os profissionais da saúde responsáveis pela orientação do uso correto, possíveis interações medicamentosas, riscos do uso inadequado, no intuito de sempre colaborar com a promoção, prevenção, proteção e recuperação da saúde. Porém, BRASIL (2014) relata que as ações dos farmacêuticos ainda precisam ser aprimoradas e em alguns pontos revisadas ou implementadas,

para que o mesmo deixe de ser um mero dispensador de medicamentos e atue com mais eficiência na atenção básica ao público alvo, corroborando com uso racional dos medicamentos.

A Assistência Farmacêutica, em uma visão voltada para a atenção básica no atendimento ao público, deve assegurar o acesso da população aos medicamentos a partir da promoção do uso correto deles. Faz-se necessário uma revisão dos serviços farmacêuticos, aprimorando atividades existentes e implementando novas técnicas ligadas a atenção farmacêutica, pois o trabalho do farmacêutico ainda é essencialmente voltado para o gerenciamento e entrega de medicamentos, com pouca participação no cuidado efetivo dos usuários o que acaba reduzindo, desta forma, ações dedicadas ao uso racional de medicamentos (BRASIL, 2014). Como bem como, uma formação mais sólida para atenção e prescrição farmacêutica pode trazer grandes vantagem ao profissional, e principalmente ao paciente, contribuindo de forma positiva na prescrição de medicamentos isentos e redução das automedicações no grupo demográfico da terceira idade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ocorrência da automedicação em idosos na cidade de Maringá, estado do Paraná, foi realizada por meio de um estudo transversal descritivo de abordagem quantitativa, por meio de uma entrevista com o roteiro estruturado, além de um questionário sobre a automedicação. Com isso, 77% dos idosos informaram a utilização de medicamentos sem a prescrição. (BUZON, M.; FREIBERGER, M.; LABEGALINI, C. 2018).

A incidência da automedicação em idosos de um grupo de convivência foi analisada por meio de um estudo transversal, descritivo com abordagem quantitativa, realizado em 49 idosos sadios no ano de 2008, para isso, utilizou-se um questionário para a aplicação do estudo. A incidência de automedicação entre os idosos foi de 35%, onde os analgésicos foram utilizados para dor de cabeça por 63% dos idosos. Além disso, 57% informaram a utilização de medicamentos apenas quando prescritos. (NASCIMENTO, E.; NUNES, N.; LEÃO, M. 2016).

Diante a realização de um estudo transversal descritivo realizado no programa Universidade Aberta à Terceira Idade (UnATI) pertencente a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), este foi composto por 159 idosos com idade entre 60-71 anos ou mais, onde tinha o intuito de descrever a polifarmácia. Com isto foi possível concluir que 84,3% não possuía automedicação e 15,7% desses idosos possuem a automedicação, já a polifarmácia está associada a doenças crônicas foi possível ter como resultado, que cerca de 78% dos idosos

possuíam uma polimedicação menor (cerca de 3-4 medicamentos) e o restante possuía uma polimedicação maior (ALVES; CEBALLOS, 2018).

Em um outro estudo transversal de base populacional, incluindo uma amostra estratificada por conglomerados em Campinas, estado de São Paulo, nos anos de 2008-2009, avaliou a prevalência e fatores associados à automedicação de idosos, assim como os fármacos mais utilizados sem a prescrição. Em 91,1% dos 1.515 idosos, relataram a utilização exclusiva de medicamentos apenas sob prescrição, porém 8,9% informaram que fazem o uso simultâneo de tantos medicamentos prescritos, como a automedicação. Além disso, os medicamentos mais utilizados foram a dipirona, ácido acetilsalicílico (AAS), diclofenaco, *Ginkgo biloba*, paracetamol e homeopáticos (OLIVEIRA, M. *et al*, 2012).

O intuito de um estudo realizado na cidade de Barretos, estado de São Paulo, foi identificar os decisivos associados à prática da automedicação em idosos, por meio de um questionário aplicado à uma amostra de 122 indivíduos idosos entre 60 anos ou mais. Os resultados demonstraram que 11,48% informaram que apenas utilizam medicamentos prescritos e 88,52% se automedicam sem a prescrição correta, além disso, os medicamentos mais utilizados correspondem a 76,23% na utilização dos analgésicos e antipiréticos, sendo a cefaleia (66,69%) a causa mais frequente da automedicação e em segundo lugar a febre, correspondendo a 61,48% das respostas (SANTELLO, F. *et al*. 2013).

O padrão de consumo de medicamentos entre idosos foi analisado em um outro estudo de base populacional e delineamento transversal com a amostra de 934 idosos por meio da utilização de questionário na cidade de Goiânia, estado de Goiás. Com isso, identificou-se que 2.846 medicamentos foram consumidos por idosos, sendo na faixa de 3,63 por idoso. Para a polifarmácia, indicou-se que 26,4% idosos utilizam a polifarmacoterapia, assim como, 35,7% realizam a automedicação. Assim como o estudo de Santello *et al*, 2013, os analgésicos (30,8%) foram os mais utilizados por meio da automedicação (SANTOS, T. *et al*, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o processo de envelhecimento é natural o surgimento de doenças, e com isso a utilização de medicamentos passa a fazer parte da rotina dos idosos, os quais geralmente são indivíduos polimedicados. Nesse sentido, há uma problemática quanto ao uso irracional dos medicamentos por parte dessa demografia de indivíduos, que vem crescendo de forma

exponencial dentro da população brasileira devido à fatores sociais, como o aumento na perspectiva de vida no país segundo o IBGE.

Deve-se enfatizar que a automedicação é uma prática que configura o autocuidado, mas deve ser feita de forma responsável e sempre orientada por um profissional da área de saúde, em especial o farmacêutico, para que não surjam danos à saúde. Nesse contexto, a orientação do profissional habilitado assume papel de suma importância na promoção, proteção e recuperação da saúde, para que a automedicação seja uma prática cada vez mais ausente, visando a minimização das interações medicamentosas e a exposição do indivíduo a riscos desnecessários de saúde.

Diante da importância que se reveste o tema e da necessidade de sua melhor compreensão, estudos como este são ferramentas importantes para subsidiar a promoção do uso racional de medicamentos, entender as diferentes realidades socioculturais que permeiam essa prática e melhorar as práticas de atenção à saúde direcionadas à essa parcela da população.

REFERÊNCIAS

ALVES, N.M.C; CEBALLOS, A.G.C. Polifarmácia do programa universidade aberta à terceira idade. *Rev. J.Health Biol Sci.* 2018; ed.6(4); p. 412-418.

AZEVEDO, I. R. M. **Uso de medicamentos em idosos: uma revisão da literatura.** 2014. 51f. Monografia (Bacharel em Farmácia) UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, CUITÉ, 2014.

BERLEZI, E. M. et al. Estudo do fenótipo de fragilidade em idosos residentes na comunidade. *Rev. Ciência e Saúde Coletiva*, v. 24, n. 11, p. 4201-4209, 2019.

BRASIL. Conselho Federal de Farmácia. Lei N° 13.021, de 8 de Agosto de 2014. Dispõe sobre o exercício e a fiscalização das atividades farmacêuticas. Disponível em: < <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=1000&pagina=1&data=11/08/2014> > Acessado em: 05 de fevereiro de 2020.

BUZON, M.; FREIBERGER, M.; LABEGALINI, C. Automedicação: um risco silencioso à saúde na terceira idade. *Rev. SMG*, v. 6, n. 2, 2018.

DOMINGUES, P. H. F. Et al. Prevalência da automedicação na população adulta do Brasil: revisão sistemática. *Rev. Saúde Pública*, v. 49, n. 36, p. 1-8, 2015.

DOMINGUES, P.H.F, *et al.* Prevalência e fatores associados à automedicação em adultos no Distrito Federal: estudo transversal de base populacional. *Rev. Epidemiol. Serv. Saude* v.26, n. 2 p. 319-330, 2017.

GAÚTERIO, D. P. Et al. Caracterização dos idosos usuários de medicação residentes em instituição de longa permanência. *Rev. Esc. Enfermagem USP*. v. 46, n. 6, 2012.

HERNANDEZ, K. L; NETO, W. S. A. N. Avaliação da automedicação na população da UBS Francisco Maiarino Maia, Município Miguel Alves. Monografia, **UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ**, 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). PNAD 2016: população idosa cresce 16,0% frente a 2012 e chega a 29,6 milhões. Agência IBGE Notícias, Rio de Janeiro, 24 nov. 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18263-pnad-2016-populacaoidosa-cresce-16-0-frente-a-2012-e-chega-a-29-6-milhoes.html>. Acesso em: 07 de fevereiro de 2020.

NASCIMENTO, E.; NUNES, N.; LEÃO, M. Automedicação em um grupo de idosos sadios. **Rev. Uningá**, v. 48, n. 1, p.41-43, 2016.

OLIVEIRA, C. A. P. Et al. Caracterização dos medicamentos prescritos aos idosos na Estratégia Saúde da Família. **Cad. Saúde Pública**, v.25, n. 5, p. 1007-1016, 2009.

OLIVEIRA, M. A. Et al. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 28, n. 2, p. 335-345, 2012.

SÁ, M.B.; BARROS, J.A.C.; SÁ, M.P.B.O. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, n. 1, p. 75-85, 2007.

SANTELLLO, F. Perfil da automedicação em idosos no Município de Barretos/ São Paulo/ Brasil. **Infarma**, v. 25, n.1, 2013

SANTOS, T. R. A. Et al. Consumo de medicamentos por idosos, Goiânia, Brasil. **Rev. Saúde Pública**, v. 47, n. 1, p. 94 -103, 2013.

SECOLI, R. S. Et al. Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. **Rev. Brasil. Epidemiologia**, v. 21, p. 1-14, 2018